

ARTIGO 1:
CRIAÇÃO E CRIATIVIDADE

Aristides Alonso / A9-Cyb / MorningStar

RESUMO

O artigo analisa o ser humano como "deus de prótese", ressaltando sua vocação artificialista de criar artefatos que estendem mente e corpo, à luz da Nova Psicanálise de MD Magno. O autor apresenta a função catóptrica da mente, capacidade de revirar e simetrizar qualquer conteúdo, como fundamento da linguagem, da arte e da técnica, propondo três níveis de reificação (analogia, metáfora e hipóstase) que degradam a criação original até o clichê cultural. Diferencia criação, entendida como ato poético singular que emerge do desejo pelo impossível, de criatividade, vista como rearranjo de obras existentes dentro da cultura. O texto articula essas ideias ao princípio antrópico e discute a viabilidade de máquinas dotadas do "revirão", além de descrever as etapas de produção de próteses (invocação, invenção, investigação e investimento) e seu ciclo de mercado, hegemonia e obsolescência. Conclui que vivemos imersos em ficções fixadas pela cultura e que cabe à arte expor e subverter tais formações para restaurar a potência inventiva humana.

PALAVRAS-CHAVE: artificialismo; função catóptrica; criação; reificação.

Introdução

Consideramos senso comum hoje o reconhecimento de que o homem é um ser artificialista e tecnológico. Um "deus de prótese", como disse Freud (FREUD, 1974: 111). Cria o mundo mediante artifícios e próteses, através de operações de transformação ou metamorfose de tudo o que nos cerca. Nossa mente tem competência mental para isso. As marcas que o homem deixa no planeta, desde a domesticação do fogo à mais complexa nave espacial, dão prova dessa vocação tecnológica do ser humano. Nesse sentido, todas as formas de arte e de técnica atestam os mais variados interesses que ultrapassam a utilidade imediata de qualquer artefato e se constituem como extensões da nossa mente e de nosso corpo (McLUHAN, 2005). Também pode-se verificar cada vez mais que não há barreira radical ou heterogeneidade entre o que construímos artificialmente e o mundo natural e físico em que vivemos.

MD Magno, criador da NovaMente ou Nova Psicanálise, apresenta a hipótese para esta habilidade de artificialização de nossa mente. Qualquer produção artística ou tecnológica feita pelo homem resulta de uma função de simetrização, a função catóptrica (= espelho) da mente. A mente é descrita como máquina que espelha ou revira o que quer que se lhe apresente e, mediante esta competência, produz o arquivo infinito de artifícios (a cultura) com que a humanidade convive há milhares de anos. Esse modelo destaca a função de avessamento ou revirão de que o cérebro é capaz como sendo a função originária que teria tornado possível o surgimento da linguagem, da arte, da técnica, da ordem simbólica com suas transcrições ou traduções culturais.

Qualquer formação que se constitua de Primário (artifícios espontâneos) + Secundário (artifícios industriais) + Originário (Revirão) é uma Pessoa. Somos polos de formações aglutinadas biologicamente de maneira sistêmica. Esses polos são constituídos de muitas formações: formações primárias, o que possamos vir a conhecer sobre a base constituída biologicamente (o corpo, a vida); formações secundárias, que diz respeito à ordem da ARTiculação, da informação; e o Originário, a máquina de revirão, que só é conhecido entre nós, até o momento, na condição humana: é a competência de dizer não e virar pelo avesso, para qualquer lado a qualquer momento. Isto é uma idioformação, que no nosso caso é chamada de pessoa. Quando surge, já vem com o aparelho do revirão disponível mas, juntamente com ele, há também a enorme carga de opressões espontâneas e as limitações impostas pela cultura. Os recalcamentos culturais imitam os recalcamentos espontâneos porque qualquer proibição na ordem secundária é fingimento (mimese) de impossibilidade, pois no Secundário não há impossibilidade dada espontaneamente.

Essa ideia é compatível com o conceito de princípio antrópico das ciências físicas. Segundo os defensores do princípio antrópico, a coincidência de todos os valores de constantes e as leis da natureza serem apropriadas para a vida é tão improvável que não dá para pensar em coincidência: teria que ser algo proposital, e o propósito seria para que nós viéssemos a existir para admirar este universo.

Princípio antrópico

Magno faz aproximação entre essa idéia e as formulações da Nova Psicanálise quanto a uma analogia entre a estrutura do Haver como linguagem e a estrutura mental de uma pessoa. Ao invés de se afirmar, como Lacan o fizera, que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, propõe-se que o inconsciente é estruturado tal como o Haver é estruturado. Ou seja, o Haver é articulado e a Pessoa é análoga ao Haver. Não há diferença entre a ordem simbólica produzida pelo homem e a estruturação do próprio universo, do Haver. Há, no entanto, deve-se fazer a importante distinção entre a macro-estrutura do Haver e o que comparece em formações parciais. Na Pessoa, a estrutura é a mesma, só que incorporada em formação parcial.

Hanna Arendt, em A condição humana, em 1958, afirmava:

> O mundo – artificio humano – separa a existência do homem de todo ambiente meramente animal; mas a vida, em si, permanece fora desse mundo artificial, e através da vida o homem permanece ligado a todos os outros organismos vivos. Recentemente a ciência vem se esforçando para tornar “artificial” a própria vida, por cortar o último laço que faz do próprio homem um filho da natureza. (...) Esse homem futuro, que segundo os cientistas será produzido em menos de um século, parece motivado por uma rebelião contra a existência humana tal como nos foi dada – um dom gratuito vindo do nada (secularmente falando), que ele deseja trocar, por assim dizer, por algo produzido por ele mesmo” (ARENDT apud DUPUIS, p. 90).

Não se trata mais de considerar as velhas teses apresentadas principalmente pela filosofia respeito do ser humano e sua ontologia. O foco não está sobre o humano, mas sobre a idioformação ou pessoa, essa máquina complexa com sua competência de revirar e indiferenciar.

Nesse caso, a discussão contemporânea em torno da possibilidade ou não da produção ou construção de máquinas que se tornem semelhantes ao homem torna-se trivial. Para Daniel Dennett (1991), por exemplo, essa possibilidade é algo em vias de construção efetiva e ele apresenta como etapas de seu desenvolvimento três modelos de máquinas que tornassem possível essa construção. Para ele, uma vez que se houvesse um bom conhecimento do cérebro e das máquinas computacionais, isso seria possível. E enumera uma sequência de máquinas que estariam conduzindo a essa produção tecnológica de um análogo do cérebro humano. Essas máquinas são a máquina de Turing, as de Von Neumann, que de fato viabilizou a operacionalização da máquina de Turing e a máquina de Joyce, em uma referência à multiplicidade operacional da ordem linguística. Magno sugere que se acrescente à série de máquinas operacionais elencadas por Dennett a máquina de revirão, pois dado o novo entendimento da mente como um espelho absoluto, capaz de qualquer avessamento, há que se considerar a questão em sua máxima extensão possível.

Se tivéssemos a possibilidade de instalar o revirão em nível computacional, teríamos uma máquina ou um aparelho com a disponibilidade de dizer NÃO ao que quer que se colocasse para ele, ou seja, enunciar o contrário ou avesso de qualquer afirmação dada. Em caso contrário, sem a possibilidade de indiferenciação, nem mesmo a mais sofisticada construção tecnológica seria capaz de emergir como Pessoa. Não se trata de disponibilidade ao conjunto computacional de saberes, o que um computador binário já faz, mas de disponibilidade de revirar. Sem isso, somos meros animais domesticados que costumamos ser quando permanecemos estacionários em torno de de formações culturais impostas e que são tomadas como fundamento ou referência de nossa existência.

O que há, como movimentação da Pessoa na imanência do mundo, é a criação de próteses, e apenas isso. Hoje se reconhece uma maior velocidade nesse processo, mas nem sempre foi assim para a espécie humana, desde o domínio do uso do fogo até a possibilidade de clonagem. E isso certamente que não vai parar por aí.

Para nós, o que de fato interessa é a ARTE e/ou TÉCNICA (Ars = Téchne) em seus sentidos arcaicos. O que podemos fazer é secretar PRÓTESES que, eventualmente podem tomar o poder em uma dada situação, tornarem-se hegemônicas, tirânicas e passarem a nos oprimir. Mas para a metapsicologia (psicanálise) sempre haverá a possibilidade de comparecimento do que foi recalcado (retorno do recalcado) e o consequente enfraquecimento das formações em domínio.

Artificialismo

A psicanálise é um pensamento artificialista. Freud insistia no caráter postiço de qualquer formação do inconsciente (sonhos, atos falhos, chistes, sintomas, etc.) e buscava modelos que pudessem dar conta do processo em curso ou mesmo intervir neles mediante artifícios eficazes. Era, portanto, um tecnicista no sentido primitivo de téchne (= arte, produção, invenção, artificialismo), nada para ele se configurava como algo sagrado e intocável como no paradigma naturalista.

Na linhagem dos modelos artificialistas de base freudiana, Magno afirma o artificialismo total do Haver (a physis, a natureza, o que há). Seu plano de imanência (chamado de Haver) é absolutamente homogêneo e as formações resultantes são constituídas pela ARTificialidade da linguagem. Por isso, as formações do Haver são linguageiras, ARTiculadas, embora localmente fechadas e resistentes. E quando se diz que o campo é homogêneo, significa que as formações são de igual "natureza", feitas da mesma "substância". O fechamento de uma formação constitui a fixação de sua própria situação, sua estratificação, seu estado enquanto formação. Mas qualquer formação (espontânea ou industrial) pode ser potencialmente aberta, conhecida ou manipulada. Não há nada misterioso ou sagrado na natureza ou na cultura, pois há sempre possibilidade de transa (MAGNO, 1999), de comunicação entre elas. Basta para tanto que tenhamos acesso aos códigos, como em qualquer sistema computacional.

O ato de criação (o ato poético)

A criação ou invenção é pensada como evento e não como produto cultural. Arte ou Técnica no sentido de produção "sapiente", de know-how em saber fazer emergir como realidade concreta, como artifício (prótese ou artefato) o que é fantasia inconsciente e a psicanálise pensada como "a arte de transformar o sonhador em artista" (MAGNO, 2006, p. 131).

As próteses ou artefatos[1] são produzidos ou secretados industrialmente pelas pessoas mediante complexo processo de criação de arte e tecnologia e posterior instalação desses mesmos artefatos mediante poderes adequa-

[1] MAGNO, (1994), p. 189: "O que é uma prótese quando se coloca a hipótese do Revirão? É o quer que esteja disponível para se lançar mão como artifício. Se o meu Revirão fica entre Natureza, se quiserem usar o termo, e Cultura, se ele é o centro e o fulcro de todas as possibilidades de alavancamento das situações, tudo o que haja, que esteja disponível para esta espécie centrada no Revirão, tudo eu considero como artifício".

dos, na ordem secundária já decantada como cultura. Qualquer processo de criação depende da exasperação de última instância dos movimentos do desejo, que deseja o impossível, o que não há, como efeito de hiperdeterminação (MAGNO, 2008, p. 49). As novas próteses resultam dessa operação, dessa competência que está disponível para qualquer pessoa. Não se trata de produção ou reprodução de artefatos disponíveis no estoque da cultura, mas da experiência de rememoração do desejo do que não há e, por referência a essa experiência, a possibilidade de retornar à imanência do mundo com algo "novo", "de novo", "como novo", porque só é novo no momento da criação. Essa transa ou transação é o ato poético em sentido pleno: "O Ato Poético como tal é esse momento de fazer emergir como novo algo no seio da imanência do Haver, e isto só é possível mediante a rememoração da experiência de Cais Absoluto" (MAGNO, 2000, p. 140141). Cais Absoluto é a metáfora empregada pelo autor para designar a experiência de solidão absoluta em face ao impossível desejado inconscientemente.

Então, a clássica ideia de mímese (imitação da natureza) como processo de criação é a ação da mente, que surge artificialmente como ato poético, criação, mas que pode, em seu uso e repetição, sofrer graus de reificação e passar por formas violentas de primarização que escondem a dimensão de prótese, artefato fabricado em algum tempo e lugar.

A criação ou invenção, em seu processo de instalação e decantação na cultura, pode sofrer graus de reificação[2], como veremos a seguir.

1º grau de reificação: analogia:

O ato de criação recorre à analogia em seu processo de artificialização, pois é o expediente básico da linguagem. Ela tem um papel muito significativo na resolução de problemas, tomada de decisão, percepção, memória, criatividade, emoção, explicação e comunicação, geralmente por meio de tarefas básicas, como identificação de lugares, objetos e pessoas, etc.. A linguagem analógica específica engloba exemplificações, comparações, metáforas, símiles, alegorias e parábolas, etc. A analogia é importante na linguagem

[2] Cf. JAPIASSU, H. MARCONDES, D. (1993), p. 212: "Reificação (do lat. Res: coisa). Termo que possui sentido geralmente negativo, designando a transformação de uma representação mental em uma "coisa", atribuindo-lhe assim uma realidade autônoma, objetiva. Isso se dá, segundo a teoria psicanalítica, como efeito de neuroses e em certos estados alucinatórios, projetando-se para o real objetivo elementos da realidade psíquica. Segundo a teoria marxista, a reificação é o último estágio da alienação do trabalhador, no sentido de que sua força de trabalho se transforam em valor de troca, escapando a seu próprio controle e tornando-se uma "coisa autônoma".

cotidiana e no senso comum (provérbios, expressões idiomáticas , etc.), e também na ciência, filosofia e humanidades. Os conceitos de associação, comparação, correspondência, metáfora, semelhança e similitude estão relacionados à analogia. Mesmo sendo mera analogia, essa operação resulta em uma formação artificial, industrial, protética e se constitui como primeiro nível de reificação em face da neutralidade do revirão. Ela gera transposição ou tradução do impossível absoluto em algo limitado, isto é, em uma formação, mas sem ainda recalcar a própria operação de produção do artefato. É pura e simples operação de transcrição e fixação de uma formação no Secundário por pressão hiperdeterminante. Esse é o momento fecundo da criação artística. Embora o ato poético se dê na ressonância da indiferenciação, o simples aparecimento de um artefato produzido por alguém já recai no âmbito das formações existentes que têm seus poderes constituídos. Assim, o ato de criação desde o início já começa a sofrer graus de reificação que mimetizam o modo de funcionamento do Primário com sua impossibilidade modal, sua dureza, resistência e parcialidade. Por isso, Magno considera a analogia já como um primeiro grau de reificação na constituição de uma prótese qualquer que ela seja.

2º grau de reificação: metáfora:

O segundo nível de reificação – o metafórico – se dá pela simples razão de que há recalque de uma fixação que está transcrita e metaforizada no Secundário. Isso fundamenta o que se reconhece como neurose, pois recalca-se o caráter artificial de uma formação e toma-se o proibido como impossibilidade. No que algo se apresenta secundariamente como recalcado, começa a ser tomado como mimese (imitação) dos "artifícios espontâneos" (MAGNO, 1993, p. 51). Como não se trata de reificação em último grau, pode voltar à tona como retorno do recalcado, pois é mímese ou imitação das impossibilidades modais do Primário, mas ainda é reificação mais branda. Esse é o mecanismo de um dos modos de funcionamento dos aparelhos culturais que constituem a ordem simbólica que habitamos diariamente: a língua que falamos, a ordem jurídica, a moral, a religião, a relação de parentesco, etc[3].

[3] Sob esta ótica, por exemplo, poderíamos reconsiderar o que Louis Althusser analisou e designou, de um ponto de vista marxista, como "aparelhos ideológicos de Estado" (ALTHUSSER, L., 1985, p. 81-107).

3º grau de reificação: hipóstase, hiper-recalque:

Mas há o terceiro nível de reificação em que o processo de recalcamento pode ser tão violento que se induz o que se recalca no Secundário a operar como se fosse mesmo do nível Primário (MAGNO, 1993, p. 51-52), funcionando como um imprinting etológico para a mente revirante. O processo agora é regressivo, do Secundário ao Primário. Este nível de reificação é a hipóstase, o hiper-recalque, o processo responsável pela produção de psicose seja ela individual ou coletiva.[4] Esses dois últimos modos de reificação são fundamentais para o entendimento do que seja cultura, principalmente no que diz respeito à constituição de neo-etologia ou neo-zoologia para a "espécie humana" que habita a ordem secundária, onde tudo deveria ser facilmente revirante ou pelo menos deslocável (MAGNO, 1993, p. 45). Podemos ver nessa série – analogia [?] metáfora [?] hipóstase – a decadência da criação artística em mero objeto ou dejeto cultural. Cabe ao trabalho de com-sideração da obra de arte a retomada de seu exemplo e a exposição do sentido recalcado pela cultura ao atribuir-lhe só o valor de mercado, seja ele qual for.

Criação e criatividade

A partir desse modelo acima apresentado, podemos distinguir ainda dois modos de produção artística, frequentemente confundidas entre si, mas que são distintas se vistas à luz do Revirão. Trata-se da diferença entre criação e criatividade[5].

a) Por CRIAÇÃO, entende-se o ato poético como ficou acima descrito, isto é, a experiência radical e singular de produzir uma nova formação pela experiência de indiferenciação, que possibilita comparecimento do NOVO pela suspensão das formações em jogo, e a possibilidade de "nascimento" de um novo artefato.

b) Já por CRIATIVIDADE, podemos entender o remanejamento, a conjugação, a reciclagem de obras ou produtos já disponíveis, mas que, em combinatória, permite surgimento de outras construções na cultura. Podemos notar que há grande diferença entre as duas modalidades, já que esta última, a criatividade, se processa fundamentalmente na cultura com suas possibilidades movimentação e competência de arranjos e organizações. Já no primeiro caso, a criação não se dá sem recurso à hiperdeterminação e a chance de evento, da produção do novo.

[4] Sobre o desenvolvimento e abrangência do conceito de Hiper-Recalque, cf. MAGNO, MD (1993), em especial p. 38-46.
[5] Cf. MAGNO, 2000, p. 139-154.

FICÇÃO / FIXÃO

Hans Vaihinger - em **A filosofia do "como se"** (Philosophie des Als Ob) -, argumentou que os seres humanos nunca podem realmente conhecer a realidade subjacente do mundo e que como resultado, constroem sistemas de pensamento para em seguida, assumir que isso combina com a realidade: nós nos comportamos "como se" o mundo correspondesse aos nossos modelos ficionais. Em particular, ele usou exemplos das ciências físicas (prótons, elétrons, onda eletromagnética, etc.), pois nenhum desses fenômenos foram observados diretamente, mas a ciência finge que eles existem e usa observações feitas nestes pressupostos para criar novas e melhores construções.

Com o princípio do ficcionalismo, Vaihinger afirma que "uma idéia, cuja inverdade teórica ou incorreção, e com isso sua falsidade, é admitida não por essa razão praticamente sem valor é inútil, pois tal ideia, apesar de sua nulidade teórica, pode ter grande importância prática." (VAIHINGER, 2011). Para o autor, sua filosofia do 'como se' da aceitação de ficções patentemente falsas justifica-se como uma solução nãoracional e pragmática a problemas que não têm respostas racionais.

Para Magno, sua ideia de ficção - que ele grafa fixão, algo que se ficiona e também se fixa -, supõe uma distinção radical entre Haver e Ser. O autor afirma:

> Quando uso o verbo Haver com o sentido e a conotação que uso é principalmente para fazer a diferença radical entre Haver e Ser. Quando traduzem os antigos gregos da filosofia primordial, falam em Ser e não-Ser. Não falam em Haver como estou falando. Falo em Haver porque Haver não tem rosto, é um choque que temos diante do estar aqui. Quando Haver começa a ter rosto, começamos a falar deste rosto – e aí chamamos de Ser (MAGNO, 2015, 165).

No regime do Ser produzimos ficção / fixão infinitamente:

> A gente pensa, com hábito já bem antigo, que o que não é da ordem da ficção não seja ficção. Hoje, cada vez mais sabemos que toda construção mental, em última instância, é ficção. [...] Precisamos nos convencer de uma vez por todas de que, em última instância, toda produção mental é ficção. Variam os motivos, os materiais e as referências, que podem ser desde a mais delirante mitologia até a mais delirante matemática. Por isso, costumo dizer que o que tenho conseguido produzir com o nome costumeiro de teoria psicanalítica é ficção, que prefiro escrever

> com x: Fixão. Não só é ficcional como é fixante: é a fixação de uma ideia capaz de se desenvolver teórica e abrangentemente. E esta é a minha fixão, como a de qualquer outro, aliás (MAGNO, 2015, p. 163).

Mas o que foi narrativa claramente ficcional, acaba sofrendo esquecimento de sua origem ficcional e progressivamente tende a se tronar narrativa ou ficção reificada, conaturalizada, isto é, FIXÃO. A FIXÃO torna-se facilmente CRENÇA quando investida de valor de certeza inquestionável e considera-se a ficção como se fosse o próprio REAL Nesse caso, há violenta reificação da criação humana. Assim, o que era mera ficção torna-se substituto da "realidade" e o "como se" vira o "é mesmo". Dado que nascemos em meio a uma constelação de ficções, RECEBEMOS DA CULTURA UMA MASSA ENORME DE FIXÕES JÁ REIFICADAS, nas quais acreditamos e por isso mesmo governam nossas vidas.

Criação e decadência

Para Ezra POUND (1973, p. 42-44), literatura tem sido criada pelos seguintes tipos de pessoas:

> [1] Inventores: homens que descobriram um novo processo ou cuja obra nos dá o primeiro exemplo conhecido de um processo.
>
> [2] Mestres (Aperfeiçoadores): homens que combinaram um certo número de tais processos e que usaram tão bem u melhor que os inventores
>
> [3] Diluidores: Homens que vieram depois das duas primeiras espécies de escritor e não foram capazes de realizar tão bem o trabalho.
>
> [4] Bons escritores sem qualidades salientes: homens que tiveram a sorte de nascer numa época em que a literatura de seu pais está em boa forma ou em que algum ramo particular da arte de escrever é "saudável". Por exemplo, homens que escreveram sonetos no tempo de Dante, homens que escreveram poemas curtos no tempo de Shakespeare ou algumas décadas a seguir, ou que escreveram romances e contos, na França, depois que Flaubert lhes mostrou como fazê-lo.
>
> [5] Beletristas: homens que realmente não inventaram nada, mas que se especializaram em uma parte particular da arte de escrever, e que não podem ser considerados "grandes homens" ou autores que tentaram dar uma representação completa da vida ou da sua época.

> [6] Lançadores de moda: enquanto o leitor não conhecer as duas primeiras categorias, será incapaz de "distinguir as árvores da floresta". [...] [N]unca será capaz de ordenar o seu conhecimento ou de apreciar o valor de um livro em relação a outros, e se sentirá ainda mais confuso e menos capaz de formular um juízo sobre um livro cujo autor está "rompendo com as convenções" do que sobre um livro de oitenta ou cem anos atrás".

Nessa série descrita por Pound, verificamos também o processo de reificação da criação literária desde a mais refinada invenção à decadência em mera redundância.

Procedimentos na produção de próteses.

Para Magno, podemos destacar quatro momentos na criação artística designados como quatro INs:

a) Invocação: disponibilidade ao evento; a busca do acontecimento;

b) Invenção: a criação, a invenção de uma prótese;

c) Investigação: a pesquisa necessária para implementação do que foi inventado;

d) Investimento: a produção, a fabricação e seu custo.

A produção, obra ou invenção, se realiza como empresa e se implanta como religião: como empresa, pois é construída industrialmente, com engenhosidade e artifício e isso exige tempo, dedicação, investimento e solércia; e implanta-se como religião, dado que é disseminada como crença ou como fetiche.

Um novo arranjo

A partir dessas articulações acima apresentadas, proponho novo arranjo para os graus de reificação da mimese, que contempla os vários estágios dessa decadência ou estratificação:

a) Criação: invenção, inspiração, "caiu do céu" na cabeça do artista. Efeito de revirão e hiperdeterminação: surgimento do NOVO.

b) Fabricação (= poiesis; produção do protótipo): realização, produção da obra com os materiais possíveis ou disponíveis. Nesse momento, o artista lança mãos dos ARTIFÍCIOS de que dispõem. Michelângelo, o mármore, o cinzel,

formações mentais articulatórias, até isso virar a Pieta! Forte pressão de um princípio de realidade, pois uma obra, de qualquer espécie, se materializa concretamente com as formações disponíveis para o artista.

c) Instalação da prótese no mercado, no mundo: guerra do gosto, valor de mercado. Objeto de desejo como mercadoria até virar fetiche.

d) Hegemonia da prótese: dominação do mercado. Grande valor.

e) Reificação: banalização da obra, torna-se referência geral, comum. Torna-se meme, clichê, crença.

f) Obsolescência: a prótese se torna obsoleta e tende a ser substituída por uma nova mais eficaz.

INTERTEXTUALIDADE e seus modos de expressão

Destacamos na obra de Mikhail Bakhtin o seguintes aspectos muito frequentes nas obras literárias e importantes para o conhecimentos dos seus modos de elaboração (ARTifícios, mimese):

a) **Paródia** é releitura cômica de alguma composição literária, que frequentemente utiliza ironia e deboche. Geralmente se parece com a obra original, e quase sempre tem sentidos diferentes. A paródia é produção literária intertextual.

b) **Paráfrase** é reafirmação de sentido do um texto ou passagem usando outras palavras. O termo em si é derivado do latim paraphrasis (grego antigo παράφρασις, cujo significado é “maneira adicional de expressar-se”). A paráfrase explica ou esclarece o texto que está sendo parafraseado. O conhecido “dizer com outras palavas”.

c) **Carnavalização**: Backhtin ocupou-se com a vida cotidiana da Idade Média e percebeu que havia duas faces da existência naquela época: a) a vivida no espaço fechado de casa – sujeitas as regras e normas de comportamento; b) outra vivida no espaço da praça – sem normas e regras, mas livre e cheias de profanações e sacrilégios. Ao ocorrer as supressões da leis e hierarquias que organizam o mundo, os costumes são virados pelo avesso. A transposição do modelo do carnaval para a literatura é aquilo que Baktin designa como carnavalização e a obra de Rabelais (Gargantua e Pantagruel) é exemplar desse procedimento. O Dom Quixote, de Cervantes também é obra paradigmática dos artifícios da carnavalização, embora não estudada por Backhtin.

Fanfiction

Fanfiction, fanfic, ficção de fã ou ainda ficfã é narrativa ficcional, escrita e divulgada por fãs em blogs, sites e em outras plataformas pertencentes ao ciberespaço, que parte da apropriação de personagens e enredos provenientes de produtos midiáticos como filmes, séries, quadrinhos, videogames, etc. Tem como finalidade a construção de um universo paralelo ao original e também a ampliação do contato dos fãs com as obras que apreciam para limites mais extensos. Os autores de fanfictions dedicam-se a escrevê-las pois desenvolveram laços afetivos fortes com o texto "original", que não lhes basta consumir o material que disponibilizado e passam a interagir, interferir naquele universo ficcional. Em seus primórdios, a fanfiction era simplesmente uma prática que possibilitava a adição de capítulos extras às séries das quais o autor era fã. A fanfiction hoje envolve o esforço em preencher lacunas deixadas por autores das séries, ao mesmo tempo em que se criam conexões entre os episódios. Os fãs se comprazem em especular "o que poderia ter acontecido se..." e usam evidências coletadas ao longo da série para comprovar ponto de vista, prática que já ocorreria oralmente há várias gerações.

Como se pode verificar, a obras literárias são peças fundamentais para se compreender a complexa comunicação humana.

Considerações Finais

Como já disse anteriormente, vivemos imersos em ficções e narrativas. Do nascimento ao perecimento, estamos inseridos em uma narrativa composta de uma rede imensa de narrativas e ficções com polos, focos e franjas que se organizam em hubs, hiperlinks, hipertextos e redes de confluências narrativas como se fôssemos engatados em sistemas que servem de referências a cada Pessoa que nasce e entra no circuito. A partir de então, ela ser insere nesse jogo de narrativas que pode ficar repetindo alienadamente ou fazer o desdobramento de novas narrativas a partir dessas narrativas herdadas, pois pois é capaz de Criação e Criatividade. Mesmo como nosso eventual desaparecimento, a narração não cessa e essa narrativa se acrescenta por séculos e/ou milênios. Nesse cenário, vivemos uma fractaçização de narrativas que são replicadas pelo modelo da intertextualidade, do dialogismo, do palimpsesto, das fanfics, das paráfrases, da paródia e da carnavalização.

REFERÊNCIAS

ALONSO, Aristides. A nova mente da máquina e outros ensaios. Rio de Janeiro: NovaMente, 2012.

DENNETT, Daniel. Consciouness explained. The Pinguin Press, 1991.

DUPUIS, Jean-Pierre. O transumanismo e a obsolescência do homem. In: A condição humana: as aventuras do homem em tempo de mutações. Rio de Janeiro: Agir; São Paulo, Edições SECS SP, 2009.

MAGNO, MD. [2015] Razão de um percurso. Rio de Janeiro: NovaMente, 2016.

_____. [1999] A psicanálise, novamente. 2ed. Rio de Janeiro: NovaMente, 2008.

_____. [1997] Transar: transir - Elementos da Tranformática. IN: LUMINA 3. Revista da Facom/UFJF. Juiz de Fora: Editora UFJF, 1999.

_____. [1997] Comunicação e cultura na era global. Rio de Janeiro: NovaMente, 2005.

_____. [1992] Pedagogia freudiana. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

_____. [1985] Grande ser tão veredas. Rio de Janeiro: Novamente, 2006.

McLUHAN, Marshall. Os meios de comunicação como extensões do homem. São Paulo: Cultrix, 2005.

POUND, Ezra. ABC da literatura. São Paulo: Cultrix, 1973.

VAIHINGER, Hans. A filosofia do como se. Chapecó: Argos, 2011.